

## O avesso da dor: uma reflexão sobre a influência do brincar como coadjuvante na cura de crianças com neoplasias

Ruth Helena P. Cohen

*O presente artigo visa apontar algumas questões trazidas pela psicanálise aplicada e algumas conseqüências desse novo lugar que vem desafiando seu campo na contemporaneidade. Temas relacionados à saúde de crianças vêm encontrando respaldo na prática analítica, que vê possibilidades de trabalho com os problemas que se inscrevem no coletivo, na polis. Para tal privilegia o brincar, como um saber-fazer com o infantil, campo da fantasia, já que se supõe que esta, protege, dá prazer e viabiliza saídas para a dor psíquica. O tema do brincar encontra apoio em demandas de tratamentos médicos necessários, mas que precisam submeter sujeitos de tenra idade à práticas que modificam suas imagens corporais em formação. O presente artigo visa apontar algumas questões trazidas pela psicanálise aplicada e algumas conseqüências desse novo lugar que vem desafiando seu campo na contemporaneidade. Temas relacionados à saúde de crianças vêm encontrando respaldo na prática analítica, que vê possibilidades de trabalho com os problemas que se inscrevem no coletivo, na polis. Para tal privilegia o brincar, como um saber-fazer com o infantil, campo da fantasia, já que se supõe que esta, protege, dá prazer e viabiliza saídas para a dor psíquica. O tema do brincar encontra apoio em demandas de tratamentos médicos necessários, mas que precisam submeter sujeitos de tenra idade a práticas que modificam suas imagens corporais em formação.*

**Palavras-chave:** Psicanálise aplicada, criança, saúde, brincar

---

## **Introdução**

Uma pergunta que parece vir se impondo cada vez mais é: como as políticas de saúde pública vêm tratando os problemas que afetam as crianças em nosso país? Como viabilizar um trabalho que não as coloquem apenas como objetos da ciência e possam inscrevê-las no estatuto de sujeitos desejantes?

Sabe-se que em crianças com neoplasias o sofrimento psíquico é tributário também da dor física, ou seja, que há uma irrupção do real que afeta o corpo. Quais as conseqüências simbólico-imaginárias dessas doenças que modificam a imagem corporal de quem está em plena construção do eu-corpo? Esta e muitas outras indagações vêm inquietando um grupo de pesquisa que se debruça sobre as diferentes faces do brincar como uma possível saída para o problema acima referido. Cabe informar que o autor deste relato coordena uma pesquisa pela Escola de Educação Física da UFRJ, na qual ministra a cadeira de Psicomotricidade. Outro fator a ressaltar, também, é o fato de que hospitais e centros de saúde vêm cada vez mais demandando projetos que se inscrevam nos chamados “setores de humanização”.<sup>1</sup> Escutando essa demanda formou-se uma equipe, com alunos da graduação da EEFD, professores e alguns psicólogos que visam desenvolver uma pesquisa-intervenção, o Projeto Brincante. Para tal vem buscando fazer parceria com o Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira da UFRJ, em específico com o setor de hematologia.

## **Algumas considerações teóricas**

Lembremos que na Renascença, a redescoberta do humanismo trouxe à cena a releitura dos textos clássicos latinos e gregos, por outro lado, a obsessão pelo par mãe-criança deu ao estatuto da mulher uma nova dimensão. Posteriormente, na Modernidade, a Psicologia do

---

1. No Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira da UFRJ, o projeto deverá ser vinculado à Divisão de Extensão e Humanização.

Desenvolvimento como resposta à psicologia da criança tentou explicar a gênese do adulto. Entretanto, a pergunta continuava no ar: o que era uma criança? Freud buscou encontrar alguma resposta para esse enigma. Lacan, por sua vez, também o fez através do conceito de real, como algo que é rebelde a toda definição da infância. Quem poderia falar de lembranças antes de dois ou três anos? O recalçamento edípico que, para Freud, se explicitava como a amnésia do infantil, impossibilitava saber o que era exatamente uma criança.

Com as mudanças operadas pelo capitalismo, na contemporaneidade, que viu introduzir-se “uma diacronicidade crescente entre produção e consumo, e uma preponderância dos valores de troca sobre os valores de uso”, (Rabello de Castro, 2001, p. 53) verificou-se uma exacerbação do consumo e, com isso, a “infância passou, então, a se situar numa nova efetividade social, enquanto consumidor”(ibid.). Como consequência dessa nova lógica capitalista, na qual todos são iguais perante o consumo, testemunha-se os desafios éticos e políticos da sociedade atual sobre as ações ditas humanas.

Hoje, a humanidade se encontra imersa em uma enorme confusão no que concerne ao desafio da construção de seu futuro. A profunda e grave crise da ideologia, o marxismo, que por sua vez, no século XX, vê a queda do muro de Berlim e o desaparecimento da antiga União Soviética, sofre uma ampla transformação, passando a ter de se preocupar com as contingências de uma nova fase da humanidade, na qual predomina o individualismo exacerbado. Pode-se constatar que as novas modalidades de laços sociais criaram um ser falante, que parece pouco lutar por seus direitos ditos “humanos,” que mal consegue viver sua “individualidade”, pois está submetido à manipulação dos mercados e à proliferação dos objetos de consumo, aspectos típicos da era globalizada.

Cabe lembrar que o humano, no campo da psicanálise é o que tem conexão com o desejo em seu caráter indestrutível, pois, a despeito de tudo, insiste por meio da repetição, e pode ir além do limite do prazer, que se traduz como uma das faces do gozo. Sobre isso, melhor do que ninguém nos ensinam as crianças com seu brincar nas diferentes formas de cingir a dor extraíndo daí o prazer e também no uso do pathos físico aplicado à economia do sintoma psíquico, que com Besset (1998), toma a seguinte interpretação:

Dentro de uma concepção estritamente freudiana, o sintoma, distintamente da inibição, é ele próprio substituto de uma satisfação pulsional interceptada. Ao mesmo tempo, é o indício da presença desta satisfação. Forma paradoxal de satisfação, por atualizar, presentificando, a interdição da satisfação que vem substituir (p. 6).

Acreditando-se que a psicanálise não deve recuar frente aos sintomas que se exacerbam pela dimensão política do estado capitalista, o que se pode deduzir,

inicialmente, neste trabalho é que a partir do desejo do analista, sujeitos do inconsciente podem ser escutados para além dos consultórios particulares. O que terá sua especificidade são os significantes que emergem da invenção, da oferta de escuta, ou seja, do lugar de acolhimento da demanda na transferência. Para tal sugerimos uma pesquisa em rede que entrelace os fios condutores de campos no tratamento do pathos na infância. Para tal convocamos a Psicanálise e a Medicina, e convidamos aqueles que tem como cerne de sua prática o lúdico, o jogo, o brincar, o professor de educação física. Enfatizamos a partir desses laços, nessa trama a articulação entre tensões que se impõem ao sujeito do inconsciente e os destinos pulsionais conseqüentes dos processos de dor psíquica, que acompanham os procedimentos quimioterápicos aplicados às crianças.

Nosso interesse pelo tema do brincar visa verificar como este ato, espontâneo da criança, pode ser utilizado com fins terapêuticos servindo de fator coadjuvante ao tratamento das leucemias e neoplasias. Nossa hipótese se baseia no fato de que, desde os primórdios, tenta-se dizer algo sobre essa difícil tarefa que se impõe ao homem que é dominar o real, que escapa a toda simbolização. Sobre essa questão talvez possamos muito aprender observando as brincadeiras da criança.

### **O imaginário recobre e o simbólico dá forma ao real em jogo**

O ato de brincar pode ser pensado nos três registros de inscrição do sujeito formulado por Lacan: o registro simbólico, onde o brincar e o brinquedo são representantes da malha discursiva; o registro imaginário, que inclui o corpo da criança e serve assim, como o brinquedo, para ocupar espaços da fantasia; e, finalmente, o registro real que foi definido pelo autor, como impossível comparecendo no não-dito, naquilo que escapa ao simbólico, característico do material inconsciente. Por sua vez, o lúdico, dimensão de linguagem, fantasia, isso que não tem tamanho, encontra no jogo sua saída “fort ... dá”, campo da linguagem, que pode ser encontrado no brincar, e tem estatuto de enunciação, de um dizer que carrega consigo uma verdade particular.

Freud ao analisar a fobia de Hans (1909) demonstrou que não havia necessidade de mandar uma criança brincar ou lhe oferecer um arsenal de brinquedos. A produção imaginária do fantasiar se organiza independentemente desse artifício. O que a criança cria é o sentido que ela pode dar a sua vida naquele momento, não importa com quê. Hans, com um desenho e uma folha de papel amassada criou o “mito da girafa” e uma teoria própria sobre a castração. Deu a Freud a possibilidade de constituir o “Complexo de Castração” e demonstrar

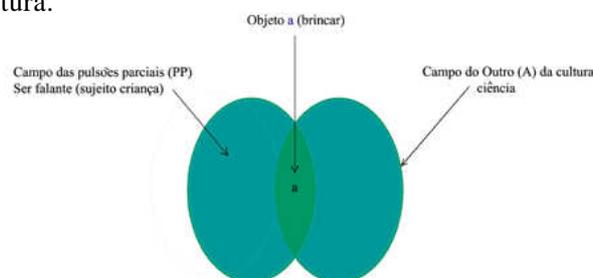
que o brincar não tem nenhum valor maior ou menor que o dizer dos adultos. As possibilidades de elaborar conflitos e transformar a dor em prazer pelo brincar foram observadas por Freud (1920) no jogo de carretel de seu neto comentado por Lacan (1994):

... é a repetição da saída da mãe como causa de uma Spaltung no sujeito – superada pelo jogo alternativo, fort-da que é um aqui ou ali, e que só visa em sua alternância ser o fort de um da e o da de um fort. O que ele visa é aquilo que, essencialmente, não está lá enquanto representado – pois é o jogo mesmo que é o Repräsentanz da Vorstellung.

Lacan (1988), ao trabalhar o campo do Outro como da cultura em sua interseção com o campo pulsional, nos indica uma conjugação entre o sujeito pulsional e tal como ele se evoca no campo do Outro. Segundo o autor: “todas as atividades sociais não passam de jogos com as fezes, com os seios etc”. (ibid., p. 184-5). Para ele todas as pulsões são parciais e estão vinculadas ao campo da cultura. “É uma montagem pela qual a sexualidade participa da vida psíquica” (p. 165). Miller (1998) confirma essa teoria demonstrando que, no nível das “pulsões parciais, há relação com o objeto oral, anal, escópico, mas não há relação com a pessoa” (p. 15).

Entre o sujeito “brincante” e o Outro da cultura, o brinquedo e o brincar podem ser abordados sob o estatuto de objeto “a” que na teoria de Lacan é tratado de forma diferenciada nos diferentes momentos de seu ensino. O que se quer apontar é que esse objeto pode se inscrever na interseção de dois campos: o do sujeito e do Outro presentificando o vazio ocupável por qualquer forma do fantasiar.

Revisitando o esquema alienação/separação, de Lacan, retomado por Miller, incluímos nele o brincar e o brinquedo na interseção entre o campo da cultura e o campo pulsional, ou seja, onde o ser falante se situa. Como representantes do campo da cultura incluímos a família, a ciência e o Estado, e, na interseção, o objeto a, como possibilidade de separação da dor psíquica pelo fantasiar. Com isso, retoma-se o que já foi anteriormente dito sobre as tensões, que podem se instaurar entre o campo habitado pelo ser falante e as demandas que emergem do campo da cultura.



Acreditamos, que ao tomarmos o algoritmo segundo o qual Lacan escreve a fantasia, ou seja, o \$ a, verificamos que há uma conjunção e também uma disjunção entre o campo do sujeito (\$) e o campo do Outro. Tal separação é o que resulta na constituição da fantasia mantenedora do desejo inconsciente. Sabemos também com Lacan – que há gozo, no sentido do para além do princípio do prazer freudiano – em jogo na fantasia, solidário das pulsões parciais, e que no processo de dependência do sujeito para com o campo do Outro da cultura ou Outro simbólico, entram em jogo os processos imaginários constituintes da alienação.

Quando observamos que na língua alemã da qual Freud se serviu, o termo *ort* (lugar) se encontra na escrita do vocábulo *wort* (palavra), podemos pensar que se o lugar está na palavra, o corpo, como lugar, é falado. O corpo falado no registro do imaginário, tema da alienação, seria o corpo no corpo do “Outro”, ponto inaugural do sujeito humano, lugar de identificação primordial na estruturação do “eu” como lugar de ilusão. É o corpo visto pelo Estádio do Espelho de Lacan (1998):

O Estádio do Espelho é um drama cujo alcance interno se precipita da insuficiência para a antecipação e que no equívoco da identificação espacial, maquinam os fantasmas que se sucedem de uma imagem esfacelada do corpo, para uma forma que chamaremos ortopédica de sua totalidade. (p. 100)

No filhote do homem, para retomar uma expressão de Lacan nesse mesmo texto, desde o momento inaugural da identificação, ou seja, da transformação que se opera no infans ao assumir uma imagem, a imagem do corpo se dá como exterior e invertida, refletindo a cronicidade do desconhecimento do humano, o que o marcará, desde então, com a marca de um engano. A relação da criança com a mãe, em seu caráter imaginário, faz da criança desejo de desejo, situando-a como o objeto (o falo) que preenche sua falta. A função paterna é o que interdita, priva e frustra o bebê de ser esse objeto que completa o desejo da mãe, assim como interdita, priva e frustra a mãe de ter preso a seu corpo esse pequeno corpo-objeto.

Lacan (1994) situa o campo do Outro comandando “tudo que vai presentificar-se no sujeito” (p. 194). Desse modo, define que é no campo do vivo, no campo pulsional, que o sujeito irá aparecer. As pulsões parciais são representantes das conseqüências da sexualidade no psiquismo, sendo que a sexualidade se instala no sujeito pela via da falta. No Seminário 11, o processo de alienação e separação é visto como circular, entre o sujeito e o campo do Outro: “do sujeito chamado ao Outro, ao sujeito pelo que ele viu a si mesmo aparecer no campo do Outro, do Outro que lá retorna.” (p. 196) Apesar de ser circular, esse processo não implica em reciprocidade. Lacan nos instrui que por

ser circular é dissimétrico. Pela alienação, primeira operação lógica essencial à fundação do sujeito, este se vê condenado a aparecer, por um lado, como sentido, produzido por significantes, e, por outro, como desaparecimento (afânise).

Se tomarmos a escrita da fantasia, \$ a, cabe lembrar que, se de um lado temos o sujeito do inconsciente, barrado, ou dividido como efeito de significantes, confrontado com seu próprio desaparecimento, do outro, temos o objeto pequeno a, no qual o sujeito se sustenta e que também é causa de sua divisão (Kaufmann, 1996). A fantasia é, portanto o que representa a realidade psíquica para cada sujeito, ou – utilizando a amplificação desse conceito usado por Lacan em seus últimos seminários – para o ser falante ou “falasser.”

Lacan (1994) fez do processo de alienação/separação o tema de inúmeros seminários, particularmente do Seminário, livro 11, quando emprega o termo vel referido à divisão implicada na alienação remetendo-a à linguagem. A título de ilustração, Lacan utiliza o célebre exemplo do que ocorre quando se faz uma escolha: “A bolsa ou a vida! Se escolho a bolsa, perco as duas. Se escolho a vida, tenho a vida sem a bolsa” (p. 201). Sobre esse ponto, pensamos nas dificuldades com as quais a criança se defronta em suas tentativas de separar-se do campo do Outro. “Pode o Outro me perder?”; “O que o Outro quer dizer quando me diz algo?”. Assim, Lacan propõe que se leia a dialética do desejo pela junção do desejo do sujeito com o desejo do Outro. O Outro aqui é tratado como o campo da cultura, do simbólico.

### **O brincar na clínica psicanalítica**

Com Melanie Klein, o brincar na clínica parece ter assumido o mesmo estatuto dos sonhos. Esta autora ao dar extrema atenção ao mundo da fantasia, distinguia duas posições na vida psíquica da criança: a posição paranóide-esquizóide caracterizada pelos primeiros meses de vida, onde a angústia persecutória era ponto marcante, e a depressiva, mais pregnante nos primeiros anos de vida. Na síntese dos bons e maus objetos, a criança apresentava suas defesas. Através do vínculo fantasmático mãe-filho, Melanie Klein acompanhava seus pacientes, nos jogos de oposição, nas relações objetais com os bons e maus objetos interpretando e dando ao brincar da criança o estatuto de um dizer de extrema importância.

A Escola Americana inventou a play therapy, mas a interpretação dada por essa escola ? cuja maior representante foi Anna Freud? tinha uma orientação pedagógica que rechaçava os mecanismos da transferência amorosa, tão caros a Freud, e o material inconsciente, no trabalho com crianças. A filha de Freud foi

a maior opositora de Melanie Klein e a play therapy, transformou-se em pura catarse, sem direção. Por outro lado, Erickson fazendo uma tentativa de retorno a Freud comparou o brincar da criança com os dialetos culturais. Cabia ao analista decifrar esses dialetos, ou seja, o brinquedo por ser linguagem deveria ser decifrado através de leis da lingüística e da etnografia.

Winnicott (1975), Abraham, Françoise Dolto, Jenny Aubry, Maud Mannoni e muitos outros são autores que clinicaram com crianças e trouxeram enormes contribuições à teoria do brincar. Lacan nos indica que o discurso sem palavras é aquele com o qual a psicanálise lida e o “hiper-verbal” pode ser detectado no vagido, no grito, na pintura e no brincar como algo que inclui o Outro da cultura. Para este autor, não há pré-verbal, apenas discursos sem palavras. Pressupõe-se que a psicanálise ao trabalhar com crianças pequenas está desafiada pela linguagem que se revela como ação, enquanto construção de um espaço, que porta o lingüístico.

A corrente que trabalha com a semiótica pressupõe “uma distinção entre a linguagem verbal e não-verbal e o brincar, por ser uma linguagem caracterizada por imagens, gestos e ações, estaria no campo das representações analógicas que compõem um sistema de signos capaz de gerar efeitos de significado”.

Partindo-se do pressuposto que o brincar é uma das possibilidades do dizer, as tensões geradas pela dor psíquica, em crianças que se vêem submetidas às manipulações do Outro da ciência, trazem à cena o real que modifica o imaginário do corpo, através do espaço lúdico a ser usado na clínica psicanalítica e também na médica. O brincar, assim como o sonho, é passível de interpretação e poderá servir não só como catarse, mas como espaço de apaziguamento da angústia.

Winnicott denomina de “espaço transicional”, a área de ilusão onde a criança desenvolve suas atividades. O autor trouxe inúmeras contribuições sobre os objetos e os fenômenos transicionais que podem ser estudados em sua aplicabilidade pela psicanálise, pela educação ou pela pediatria. São inegáveis suas contribuições sobre as relações objetais e mecanismos da transferência amorosa na criança. Nessa vertente, o brincar, como área de ilusão, aponta para as especificidades do trabalho com o infans, como um espaço facilitador às expressões e ao tratamento de conflitos. Para ilustrar o que parece definir o ato de brincar, cito uma cena do cotidiano vivida em uma rua da cidade do Rio de Janeiro: uma menina sentada na beira de uma calçada, do asfalto cavou um buraco, do buraco extraiu terra, da terra fez bolinhos molhados com água de uma velha lata. No sinal os carros paravam e ela nada pedia. Continuou ali jogada num canto com seu brincar.

### **Uma proposta brincante de pesquisa/ação**

O projeto Brincante em fase de implantação no campus da UFRJ tem como objetivo ampliar a pesquisa e estender a rede de trabalho às outras unidades tendo como proposta pesquisar a função do ato de brincar como coadjuvante no tratamento das Leucemias e/ou Neoplasias. Para tal faz parceria com o IPPMG – Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira, mais especificamente o setor de Hematologia e a EEFD – Escola de Educação Física e Desporto. O público alvo é composto por pacientes, do Serviço de Hematologia, portadores de patologias onco-hematológicas, com 3 a 12 anos de idade, em tratamento quimioterápico intensivo. São crianças com uma frequência irregular de atendimento, alternando períodos de internação e períodos de atendimento ambulatorial. O referido projeto pretende promover junto a essas crianças, um trabalho que através do brincar possa aliviar a dor psíquica inerente ao tratamento quimioterápico servindo como coadjuvante à cura das neoplasias e leucemias. A aposta no ato de brincar é tributária à hipótese de que é possível transformar o desprazer, inerente ao tratamento quimioterápico, em um espaço propício à criação, através de técnicas da psicomotricidade, baseadas no lúdico.

51

### **Considerações finais**

Acreditando na capacidade da criança de encontrar formas sublimadas de cingir a dor buscamos investigar a função do ato de brincar como agente como facilitador desse saber-fazer na resposta ao tratamento das leucemias e/ou neoplasias. Para atingir nosso objetivo pretendemos implantar as Oficinas Brincante que serão realizadas nas salas de quimioterapia e sala de espera do IPPMG. O trabalho será ministrado por duplas de alunos da graduação e alguns professores da EEFD, sob regime de plantões, obedecendo ao horário da quimioterapia. As oficinas serão supervisionadas pela coordenação do projeto, professores da EEFD-UFRJ e orientadas pela equipe médica do IPPMG – setor de Hematologia e Coordenação de Projetos de Humanização do Hospital. Serão respeitados os limites físicos e operacionais do trabalho quimioterápico, assim como se exigirá a higienização dos brinquedos, das mãos dos pesquisadores e uso de roupa adequada. Será incentivada a criação de um espaço físico que melhor atenda aos interesses das crianças envolvidas no processo (humanização do ambiente hospitalar).

Sabendo-se que o objetivo do tratamento quimioterápico não é paliativo, para as Leucemias/Linfomas e que as crianças precisam ser inseridas numa vida

cotidiana com menores índices de seqüelas possíveis, pensamos que o projeto poderá ajudar no cumprimento desse objetivo, pelo viés do brincar, como forma de sublimar o desprazer inerente ao tratamento medicamentoso.

Pode-se concluir esse breve relato de uma pesquisa em fase de implantação utilizando uma frase de Lacan (1969) que parece sintetizar de forma apropriada nossa hipótese:

A verdade está de fraldas na cidade (...) Isso não impede de pôr-se em fuga, sob o impacto de um medo danado, quando se lhes diz que a verdade é trabalho de criança ou seja, um parto. (p. 175)

## Referências

BESSET, V. L. (1998). *Inibição e sintoma: a angústia na clínica de hoje*. Texto apresentado na Jornada de Psicanálise 45 anos da SPID, realizada em outubro de 1998, no Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1909). Um caso de fobia em uma criança de cinco anos de idade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 10.

\_\_\_\_\_. (1920). Além do princípio do prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 18.

KAUFMANN, P. (1996). *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, J. (1994). *O seminário. Livro II. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 20 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

RABELO de Castro, L. (org.) (2001). *Crianças e jovens, na construção da cultura*. Coleção infância e adolescência no contemporâneo. Rio de Janeiro: Nau/FAPERJ, 2001.

SANTA ROSA, E. (1993). *Quando brincar é dizer*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

WINICOTT, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

## Resumo

*This present article aims at showing some questions brought by applied psychoanalysis and some consequences this new place that defier their field of activity*

*in contemporary days. Themes related to child health, find base in the analytical practice, which of working with the problems that inscribe in the collective, in the polis. Therefore favored the play how the savoir-faire with the childish, the fantasy field, thus presume that this protect, to pleasure, and visualizer possibilities of working for the psychic pain. The theme “to play” find base at demands of necessary medical treatment, but that need to submit subjects of young age to praticals that modify theirs in forming corporals images.*

**Key words:** Applied psychoanalysis, children, health, to play